

Mario Monicelli e o samba carioca: um diálogo possível e irreverente.

Raul Milliet Filho*

1) **Apresentação:**

Nascido em 1915 em Viareggio, Mario Monicelli formou-se em História e Filosofia e ingressou no cinema em parceria com Alberto Mondadori em 1934. Iniciou sua carreira solo de diretor em 1953. Em 1959 conquistou com *A Grande Guerra* o Leão de Ouro do Festival Internacional de Cinema de Veneza.

Sua filmografia é vasta e criativa: *Os Companheiros*; *Romance Popular*; *Meus Caros Amigos 1, 2 e 3*; *L'armata Brancaleone*; *Brancaleone e as Cruzadas*; *Parenti Serpenti...*

Monicelli dirigiu com o toque dos mestres do cinema os maiores atores de sua época: Marcelo Mastroianni, Renato Salvatori, Annie Girardot, Ugo Tognazzi, Philippe Noiret, Adolfo Celli, Sophia Loren, Vittorio Gassman, Gian Maria Volonté etc. Em seus filmes tangenciava em movimentos pendulares a ironia, a doçura, a denúncia social; pitadas de humor negro em enquadramentos diretos e não rebuscados optando sempre por diálogos diretos e pela captura de componentes da cultura popular combinando distanciamento crítico e imersão afetiva.

E como seria possível traçar um paralelo entre o samba carioca e o cinema de Monicelli? Existe uma temática em comum?

Em janeiro de 2011 o pesquisador Gerdal José de Paula tocou no assunto em crônica sobre uma apresentação do sambista Monarco da Portela:

Numa estrada desta vida/eu te conheci, ó flor/vinhas tão desiludida/malsucedida por um falso amor/dei afeto e carinho/como retribuição/procuraste um outro ninho/em desalinho ficou meu coração/meu peito agora é só paixão...." (na parceria com o português Alcino Correia, o Ratinho, falecido em outubro do ano passado); "Se você gostou de mim porque quis/já sabia quem eu era/todo mundo diz/hoje quer

* Doutor, História Social (Universidade de São Paulo).

me culpar/dizendo-me ter amizade/saiba que o malandro, quando ama, deixa saudade..." ("Amor de Malandro", na parceria com Alcides Dias Lopes, o Alcides "Malandro Histórico", samba gravado por João Nogueira); "...seguirei a ordem do meu coração/não me fale em amor/nem tampouco me peça perdão/eu não vejo honestidade em teu semblante/falsidade, isso sim, eu vi bastante/pega este lenço e não chora/enxuga o pranto, diz adeus e vá embora" ("O Lenço", na parceria com Chico Santana, gravado por Paulinho da Viola)...

*... Quem for falar do Monarco hoje não vai terminar. Especialmente, se o sentido da reminiscência, como acima destacado, for apontado por seus sambas tão marcantes, meio "lupicinianos" a seu jeito e, por si sós, representativos do "romance popular", tomando emprestado o título de filme de um grande diretor do cinema italiano, **Mario Monicelli**, recentemente falecido, para expressar, no caso, a ótica masculina do sujeito comum, de coração avariado, desgostoso com o proceder da amada, quase sempre falsa e ingrata. Sambas com beleza de letra e melodia que, além da "latinidad" da conduta masculina em face do destino em desalinho com o seu querer, atendem exemplarmente às loas que este grande Hildemar Diniz (no registro civil, nascido no subúrbio carioca de Cavalcante), em outra vertente do seu estro, tece para exaltar a sua azul-e-branco de fé e, por tabela, manifestar o seu apreço e respeito por outros redutos de bambas, como a Mangueira de Cartola e o Estácio de Ismael. (1)*

Seguindo o caminho aberto por Gerdal é possível ampliar os limites deste diálogo de filmes de Monicelli com sambistas cariocas. Lembrando inicialmente de Monarco, Cartola, Noel Rosa, Paulinho da Viola, Geraldo Pereira, Wilson Batista, Ismael Silva e Ataufo Alves.

A captura do popular por uma letra de Noel e um diálogo de um filme de Monicelli poderiam ter sido gravados ou fotografados na mesma esquina, no mesmo botequim, com a mesma dor, alegria e ironia na crítica social. Relembrando e comparando:

Cem Mil Réis – Samba – 1936 – (Noel Rosa e Oswaldo Gogliano (Vadico))

*Você me pediu cem mil réis
Pra comprar um soirée e um tamborim.
O organdi anda barato pra cachorro,
E um gato lá no morro não é tão caro assim!
Não custa nada preencher formalidade,
Tamborim pra batucada, soirée pra sociedade,
Sou bem sensato, seu pedido atendi,
Já tenho a pele do gato, falta o metro de organdi.
Sei que você num dia faz um tamborim,
Mas ninguém faz um soirée com meio metro de cetim,
De soirée, você num baile se destaca,
Mas não quero mais você, porque não sei vestir casaca.*

Obs: Acessando o link abaixo ouvimos uma interpretação de *Cem Mil Réis* nas vozes do próprio Noel e de Marília Baptista.

<http://www.youtube.com/watch?v=XweCuhGideQ>

Qualquer diálogo de *Meus Caros Amigos* tem a mesma tonalidade de *Cem Mil Réis*, onde através do jornalista e narrador Perozzi, interpretado por Philippe Noiret é possível conhecer o cotidiano de cinco amigos cinquentões que perambulam pelas ruas de Florença e adjacências. Não somente Perozzi, como o conde falido, Lello Mascetti (Ugo Tognazzi), o funcionário público e arquiteto Melandri protagonizam encontros que são almas gêmeas das rodas de samba do Rio de Janeiro.

Em *Romance Popular*, um triângulo amoroso entre um operário, sua jovem esposa e um policial se encaixa como uma luva nos enredos dos sambas “noelinos”. A jovem Vicentina do filme de Monicelli poderia ser *Fina*, musa inspiradora do poeta da Vila em *Três Apitos*.

Acessando o link abaixo é possível assistir a uma das cenas de *Meus Caros Amigos*.

<http://www.youtube.com/watch?v=8G523jOLrZE&feature=related>

2) Monicelli, Fellini e *Com que Roupa?*

Monicelli não esteve próximo de Fellini em seus planos oníricos nem frequentou a temática de Visconti e seu formalismo nos enquadramentos. Seus filmes fluíam em leitões diversos de outro mestre italiano, Ettore Scola, que utilizava roteiros teatralizados.

Ativista político sem abrir mão de uma concepção libertária do mundo e da vida, Monicelli foi um seguidor fiel do neorealismo de Vittorio De Sica e Rossellini, com forte engajamento social, através de denúncias desenhadas em abordagens do cotidiano das classes populares italianas.

A obra do diretor de *Casanova 70* (1965) é o trato dos viventes dos italianos simples em sua luta cotidiana pela sobrevivência utilizando todos os recursos disponíveis, legais ou ilegais, éticos ou amorais, pacíficos ou violentos. Monicelli não idealizava nem naturalizava o proletariado como depositário de todas as virtudes humanas, ensaiando duetos com historiadores como E.P.Thompson em *Costumes em Comum* (2) e *Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos* (3).

Monicelli tornou-se o mestre da comédia italiana ao revelar graça na tragédia alheia. Ao fazer as platéias se enxergarem retratadas na tela, conseguiu fazê-las gargalhar das próprias misérias e contradições. Autor de mais de 60 filmes e mais de 70 roteiros, Monicelli não poupou nenhuma das bases sobre as quais a sociedade italiana se sustenta: a família, a virgindade, o casamento, a Igreja, o bairrismo provinciano, as discussões sanguíneas, a malandragem, o machismo, a pasta, o vinho, o gosto pelos prazeres da vida, o saudosismo e a inveja. (4)

Em *Meus Caros Amigos* a história gira em torno da amizade entre cinquentões que mangam da vida não escapando do reflexo dos seus espelhos vingativos. Invadem festas, estapeiam passageiros embarcados em trem, fazem troça em velórios, cemitérios, traem e são traídos por suas mulheres, tudo em nome da mesma vida cigana (ciganagem) em que viviam (ainda vivem?) alguns sambistas cariocas.

A letra de um dos clássicos da MPB, talvez o maior sucesso de Noel Rosa, estampa um Monicelli de corpo inteiro:

Com que Roupa – Noel Rosa – samba 1929

*Agora vou mudar minha conduta, eu vou pra luta pois eu quero me aprumar
Vou tratar você com a força bruta, pra poder me reabilitar
Pois esta vida não está sopa e eu pergunto: com que roupa?
Com que roupa que eu vou pro samba que você me convidou?
Com que roupa que eu vou pro samba que você me convidou?
Agora, eu não ando mais fagueiro, pois o dinheiro não é fácil de ganhar
Mesmo eu sendo um cabra trapaceiro, não consigo ter nem pra gastar
Eu já corri de vento em popa, mas agora com que roupa?
Com que roupa que eu vou pro samba que você me convidou?
Com que roupa que eu vou pro samba que você me convidou?
Eu hoje estou pulando como sapo, pra ver se escapo desta praga de urubu
Já estou coberto de farrapo, eu vou acabar ficando nu
Meu terno já virou estopa e eu nem sei mais com que roupa
Com que roupa que eu vou pro samba que você me convidou?
Com que roupa que eu vou pro samba que você me convidou?*

Acessando o link abaixo: *Com que Roupa?* na voz de Gilberto Gil.

http://www.youtube.com/watch?v=OVgqL_Z1SL8

Luiz Zanin Oricchio, em crônica do jornal Estado de São Paulo em 30 de novembro de 2010, traz à luz um panorama correto do diretor italiano.

Mario, comunista ferrenho, fez também filmes "sérios", entre eles um clássico do cinema político, Os Companheiros (1963), com Marcello Mastroianni no papel de um militante de esquerda que entrega a vida à causa. Mas, comunista peninsular, também desconfiava de maneira natural do excesso de seriedade. Lembra-se de um tempo mais relaxado em que as pessoas iam ao cinema, divertiam-se, comentavam o filme, bebiam e fumavam durante as sessões. "O cinema era mais popular. Depois veio a crítica e quis nos fazer crer que era uma "arte" sagrada, que se deveria reverenciar, e perdemos a espontaneidade. As sessões viraram ritos fúnebres."

Mario tinha o raro dom de fazer um cinema que diverte, mostra conteúdo e portanto pode agradar tanto ao intelectual exigente quanto à gente do povo. Qual o segredo? "Não ter medo de olhar para a realidade e mostrá-la na tela. E desmascarar os poderosos a golpes de ironia."

Parece simples. Mas quem consegue fazer isso hoje em dia, nessa época em que a realidade é aquilo que mais se esconde e a ironia perdeu lugar para uma pseudo-seriedade autocomplacente? A fôrma que fez Monicelli parece ter se quebrado.

Mikhail Bakhtin e Henri Lefebvre são parceiros de Monicelli e de vários sambistas cariocas nesta aventura da desconstrução parcial e efêmera do poder constituído e da seriedade parnasiana dos discursos oficiais, através da ironia, da mordacidade e das festas populares.

As festividades (qualquer que seja o seu tipo) são uma forma primordial, marcante, da civilização humana. Não é preciso considerá-las nem explicá-las como um produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo nem, interpretação mais vulgar ainda, da necessidade biológica (fisiológica) de descanso periódico. As festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma concepção do mundo. Os "exercícios" de regulamentação e aperfeiçoamento do processo do trabalho coletivo, o "jogo no trabalho", o descanso ou a trégua no trabalho nunca chegaram a ser verdadeiras festas... (5).

3) *Os Companheiros, Filosofia e Meu Mundo é Hoje: um filme e dois sambas.*

Turim, final do dezenove, a Revolução Industrial caminhava em ritmo acelerado. Em contraponto, as ideias anarquistas e socialistas e as primeiras experiências das organizações partidárias e sindicais delineavam um painel social explosivo. Neste cenário aparece o professor Sinigaglia, personagem interpretado por Marcelo Mastroianni que chega à cidade, foragido da polícia genovesa.

Mario Monicelli em *Os Companheiros* realiza um épico do cinema político, sem abrir mão do diálogo da amargura e da ironia, nas tratativas com os patrões; nas conversas entre os próprios operários e no romance do protagonista com a personagem

interpretada por Annie Girardot, uma prostituta filha de uma das lideranças dos grevistas.

Como Woody Allen, para quem cada plano é um filme, pensamos em planos representativos do impacto inesperado causado por Monicelli, Noel Rosa e Wilson Batista nos espectadores e ouvintes.

O cinema pode ser objeto de análises que deságuam em vertentes as mais variadas. Narrativas de linguagem e conteúdos tão diversos que acabam os dedos das mãos se embarcarmos em uma insensata busca numérica.

Com as luzes da sala de exibição apagadas deixemo-nos levar pelo tatear luminoso dos rodapés, outrora lanterninhas dos *Cinemas Paradisos* da vida.

Walter Benjamin tendia a utilizar suas citações de forma inesperada para impactar seus leitores. Comparava suas citações a salteadores de estradas desertas que planejavam atacar as diligências em trechos sombrios para roubar as convicções dos passageiros.

O mesmo Benjamin ressaltava que:

... A natureza que fala à câmara não é a mesma que fala ao olhar; é outra, especialmente porque substitui a um espaço trabalhado conscientemente pelo homem, um espaço que ele percorre inconscientemente...

... A fotografia nos mostra essa atitude, através dos seus recursos auxiliares: câmara lenta, ampliação. Só a fotografia revela esse inconsciente ótico, como só a psicanálise revela o inconsciente pulsional...(6)

Depreende-se que o filósofo alemão identificava na fotografia o inconsciente da visão. Em seu ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, o autor aborda o cinema de maneira singular, estabelecendo uma relação de continuidade/superação com o texto sobre a *História da Fotografia*.

Cabe-nos destacar alguns pontos desta análise para iluminar o objetivo dessa comunicação: *... Tendo em vista que a superestrutura se modifica mais lentamente que a base econômica, as mudanças ocorridas nas condições de produção precisaram mais de meio século para refletir-se em todos os setores da cultura...* (7)

O cinema de Monicelli e os sambas de Noel Rosa e Ismael Silva, por exemplo, expressam esta não correspondência mecânica entre base e superestrutura como ainda

insistem em postular marxistas que pautam suas análises pelo reducionismo e pela tautologia.

Filmes como *Romance Popular* e letras como *Não Tem Tradução (O Cinema Falado)* trazem embutidos em seus conteúdos permanências culturais e afetivas de pelo menos um século das Histórias das sociedades italiana e brasileira.

Emociona perceber que, mesmo com a subtração do valor de culto da obra de arte e com o apagar de sua origem de instrumento mágico e a sobreposição da hegemonia do seu valor de exposição, continuam presentes no cinema e na música a aura das festas e dos rituais pretéritos do tempo de não alienação, no qual o sagrado e o profano não viviam em dicotomia.

É mais interessante ainda constatar como o gênio de Noel Rosa criou em 1933 uma parceria quase mediúnica com Walter Benjamin e outros componentes da Escola de Frankfurt. Sabemos que Vinícius de Moraes, Orestes Barbosa e Mario Lago afirmaram que trocariam várias de suas letras por apenas três linhas de *Não Tem Tradução (O Cinema Falado)*:

Não Tem Tradução Noel Rosa – 1933

*O cinema falado é o grande culpado da transformação
Dessa gente que sente que um barracão prende mais que um xadrez
Lá no morro, seu eu fizer uma falseta,
A Risoleta desiste logo do francês e do inglês
A gíria que o nosso morro criou
Bem cedo a cidade aceitou e usou
Mais tarde o malandro deixou de sambar, dando pinote
E só querendo dançar o fox-trot
Essa gente hoje em dia que tem a mania da exibição
Não se lembra que o samba não tem tradução no idioma francês
Tudo aquilo que o malandro pronuncia
Com voz macia é brasileiro, já passou de português
Amor lá no morro é amor pra chuchu
As rimas do samba não são I love you*

*E esse negócio de alô, alô boy e alô Johnny
Só pode ser conversa de telefone..*

Acessando o link abaixo, “Não tem Tradução” na voz de Caetano Veloso.

http://www.youtube.com/watch?v=rY28_RhwOfw

Noel Rosa com seu humor corrosivo e impiedoso sem perder a graça e a doçura não deixava passar em branco a mania da exibição. Repetindo: ***Tudo aquilo que o malandro pronuncia com voz macia é brasileiro, já passou de português.***

Em *Meus Caros Amigos* Monicelli cria o termo ***supercazzola*** que ainda hoje em várias regiões da Itália significa um jogo de linguagem desprovido de qualquer sentido lógico, com objetivo único de confundir o interlocutor.

A criação de neologismos que caem em domínio público, permanecendo ao longo de décadas no gosto popular, é privilégio de poucos. Dos sambas, sabemos vários. Do cinema, este é impagável: ***supercazzola***. Segue o link de uma cena de *Meus Caros Amigos* em que o personagem de Ugo Tognazzi, o nobre Mascetti tenta ludibriar um guarda de trânsito com a tirada famosa.

http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=06QUsxPeaXU

Mas como alertou o jornalista Carlos Motta em seu blog, na possibilidade de ninguém compreender este italiano coloquial, segue a transcrição ao pé da letra do solo de Lello Mascetti:

Mascetti: Terapia tapiòco! Prematurata la supercazzola, o scherziamo?

Vigile: Prego?

Mascetti: No, mi permetta. No, io... scusi, noi siamo in quattro. Come se fosse antani anche per lei soltanto in due, oppure in quattro anche scribài con cofandina? Come antifurto, per esempio.

Vigile: Ma che antifurto, mi faccia il piacere! Questi signori qui stavano sonando loro. 'Un s'intrometta!

Mascetti: No, aspetti, mi porga l'indice; ecco lo alzi così... guardi, guardi, guardi. Lo vede il dito? Lo vede che stuzzica? Che Prematura anche? Ma allora io le potrei dire, anche con il rispetto per l'autorità, che anche soltanto le due cose come vice-sindaco, capisce?

Vigile: Vicesindaco? Basta 'osì, mi seguano al commissariato, prego!

Perozzi: No, no, no, attenzione! Noo! Pàstene sopfaltate secondo l'articolo 12, abbia pazienza, sennò posterdati, per due, anche un pochino antani in prefettura...

Mascetti: ...senza contare che la supercazzola prematurata ha perso i contatti col tarapìa tapiòco.

Perozzi: ...dopo...

Assim podemos visualizar os componentes vitais deste diálogo proposto nesta comunicação.

Marcos Silva em *Encarar a Tragédia (Rocco e seus irmãos)* abre uma vereda importante ao afirmar que *A grande arte vê em profundidade. No olhar crítico de Visconti*, diz Marcos *o trágico jamais se confunde com qualquer conformismo nem se resolve numa redentora catarse*. (8)

Acrescentamos que no humor trágico e hedonista de Monicelli, a catarse nega o conformismo, apontando caminhos para driblá-lo e desconstruí-lo. Ao menos parcialmente.

Algo parecido com o que Gramsci cunhou como nacional-popular. Em Gramsci a categoria do nacional-popular é o instrumento que lhe permite afastar-se de dois extremos que rejeitava: um particularismo ou “nacionalismo” populista ou simplista e um “cosmopolitismo” submisso e meramente imitativo.

Italo Calvino em seu prefácio a *Fazer um Filme* de Federico Fellini desperta nossa atenção para o cinema da distância de nossa juventude que acaba por transformar-se no cinema da vizinhança absoluta. Calvino conclui seu texto mencionando o elemento unificador do comportamento nacional italiano retratado por Fellini. *O filme do qual tínhamos a ilusão de ser apenas espectadores é a história de nossas vidas*. (9) Poderíamos acrescentar que os personagens do filmes de Monicelli e dos sambas de Noel Rosa povoam eternamente nossos sonhos.

Assim é a arte de alguns cineastas como Mario Monicelli e sambistas como Noel Rosa e Wilson Batista. O conteúdo de *Os Companheiros* tem diversos traços de união com dois sambas: *Filosofia* e *Meu mundo é hoje*.

Vamos às letras e aos links: Convidamos o leitor a acessá-los e ouvir estas duas composições.

Filosofia - Noel Rosa e André Filho - 1933

O mundo me condena, e ninguém tem pena
Falando sempre mal do meu nome
Deixando de saber se eu vou morrer de sede
Ou se vou morrer de fome
Mas a filosofia hoje me auxilia
A viver indiferente assim
Nesta prontidão sem fim
Vou fingindo que sou rico
Pra ninguém zombar de mim
Não me incomoda que você me diga
Que a sociedade é minha inimiga
Pois cantando neste mundo
Vivo escravo do meu samba, muito embora vagabundo
Quanto a você da aristocracia
Que tem dinheiro, mas não compra alegria
Há de viver eternamente sendo escrava dessa gente
Que cultiva hipocrisia

Filosofia na voz de Paulinho da Viola.

<http://www.youtube.com/watch?v=-VR0mmuacW4>

Meu Mundo É Hoje - Wilson Batista e José Batista

Eu sou assim, quem quiser gostar de mim eu sou assim.
Eu sou assim, quem quiser gostar de mim eu sou assim.
Meu mundo é hoje não existe amanhã pra mim
Eu sou assim, assim morrerei um dia.
Não levarei arrependimentos nem o peso da hipocrisia.
Tenho pena daqueles que se agacham até o chão
Enganando a si mesmos por dinheiro ou posição
Nunca tomei parte desse enorme batalhão,
Pois sei que além de flores, nada mais vai no caixão.
Eu sou assim, quem quiser gostar de mim eu sou assim.

Meu Mundo É Hoje na voz de Paulinho da Viola

<http://www.youtube.com/watch?v=RvkG5iDxU4s&feature=related>

Concluindo podemos afirmar que este diálogo entre Monicelli e os bambas do samba carioca enseja uma reflexão através da qual é possível sintonizar a conquista de diversos espaços estéticos que as classes populares conseguem alcançar, abandonando o

gueto, escapando da folclorização e reforçando a auto-estima para compreensão de valores até então subordinados dentro do processo de hegemonia cultural.

CITAÇÕES DO TEXTO:

1. Gerdal José de Paula – Internet – Janeiro de 2011.
2. E.P. Thompson – Costumes em Comum – Estudos Sobre a Cultura Popular e Tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
3. E.P. Thompson – As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos – Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
4. Revista Época - 02/12/2010.
5. Mikhail Bakhtin – A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento – Brasília; São Paulo – UnB/Hucitec – 1999 – páginas 7 e 8
6. Walter Benjamin. *Pequena História da Fotografia*. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1996. p.94
7. Walter Benjamin. *A obra de arte na era de sua reprodutividade técnica*. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1996. p.165
8. Marcos Silva. *Encarar a Tragédia (Rocco e seus irmãos)*. In: *Clarões da Tela – Marcos Silva e Bené Chaves (Orgs)*. Natal, Edufrn 2006 p224.
9. Italo Calvino. Prefácio de *Fazer um Filme* de Federico Fellini. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira 2000. p26